

O PROFESSOR NO CINEMA: REFLEXÕES SOBRE A IMAGEM DO PROFESSOR HERÓI NO FILME O TRIUNFO

Cleyton Leite Ficher – cleytonficher@gmail.com

Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

Ana Paula Domingos Baladeli – annapdomingos@yahoo.com.br

Doutora em Letras (Linguagem e Sociedade) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE.

RESUMO: O cenário da escola e os desafios da profissão professor estão presentes em narrativas fílmicas de vários gêneros, ilustrando que cabe ao professor o poder de transformar turmas difíceis e desacreditadas. A imagem da docência no cinema reflete um imaginário de professor comprometido e determinado a fazer a diferença na vida dos alunos. Para (DALTON, 1995; FABRIS, 1999; PADIAL, 2010) o apelo sensacionalista das produções hollywoodianas torna a figura do professor um simulacro do herói que tem a nobre missão de conduzir seus alunos ao caminho tortuoso do conhecimento. Este artigo analisa as imagens da docência na perspectiva do professor herói presente na narrativa fílmica *The Ron Clark Story - O triunfo* (2006). O professor herói precisa superar os obstáculos, enfrentar os desafios para o cumprimento da missão que envolve resiliência, sacrifício, determinação e perseverança.

PALAVRAS-CHAVE: profissão professor, discurso do herói, imagem da docência.

1 INTRODUÇÃO

O cinema e seu discurso, além de representar um artefato cultural e estético podem ser considerados como referência para compreendermos e interpretarmos nossa realidade. Em específico, os filmes dos variados gêneros que incluem a escola como cenário e tem professores como protagonistas tendem a representar a figura do professor como herói ou missionário (DALTON, 1995; FABRIS, 1999; TRIER, 2000, 2001; DELAMARTER, 2015).

Pesquisas de Dalton (1995), Fabris (1999), Trier (2000, 2001), Padial (2010) e Baladeli (2016) focalizam o tratamento dado pelo discurso cinematográfico às personagens professores em filmes em que a narrativa ocorre no espaço da escola. Considerando a inserção do cinema como expressão do entretenimento com significativa aceitação na cultura nacional, nosso objetivo neste artigo é refletir sobre as imagens da docência na perspectiva do professor herói presente na narrativa fílmica *The Ron Clark Story - O triunfo* (2006).

Na tela do cinema diferentes enredos são retratados, porém, quanto maior a empatia com as personagens, maior a experiência afetiva do telespectador com a narrativa. Para Morin (1970) isso ocorre porque a verossimilhança conecta facilmente dois pólos, “[...] o outro é o momento em

que a identificação é tomada à letra, substancializada; o momento em que a projecção alienada, desgarrada, fixada, fetichizada, se coisifica: em que se crê verdadeiramente nos duplos” (MORIN, 1970, p. 107).

A indústria cinematográfica contribui historicamente para que diferentes sentidos sobre o que é ser professor sejam propagados, assim, por meio das personagens professores são difundidos imaginários da profissão. De forma positiva ou não, as narrativas fílmicas que retratam professores e suas vidas, em diferentes momentos históricos, contam jornadas de sacrifícios e dedicação de professores que, mesmo diante de desafios homéricos por meio de dedicação e talento alcançaram a glória. Ademais, o volume de filmes produzidos sobre escola e professores indica que “a imagem do adulto enfrentando e dominando vários jovens, muitas vezes rebeldes, para transmitir-lhes o conhecimento dentro do ambiente escolar, agrada a indústria cinematográfica, sempre árida na sua busca por imagens heróicas, dramáticas ou cômicas [...]” (PADIAL, 2010, p. 49).

A chamada fórmula hollywoodiana que romantiza e personifica o professor como um herói mítico, segundo Dalton (1995), Trier (2000, 2001), Delamarter (2015), Gravelle (2015) contribui negativamente para que significados social e culturalmente sejam aceitos como representações válidas do que significa ser professor. Indubitavelmente, o cinema tem um impacto na forma como compreendemos a realidade e como ressignificamos nossa vida. Quer seja como entretenimento ou como objeto estético, a narrativa fílmica e seus recursos multimodais conseguem sofisticar a nossa experiência com o que está sendo narrado.

Este artigo está organizado em três seções. Na primeira - *O professor herói no cinema* - abordamos a presença do imaginário do professor herói em narrativas fílmicas; na segunda - *O Triunfo: um forasteiro branco no Harlem* - apresentamos o enredo de *The Ron Clark Story* - O Triunfo (2006) e discutimos as imagens do herói; na terceira - *Ron Clark: resiliência, enfrentamento e glória* - problematizamos a imagem do sacrifício e da missão subjacentes à representação do professor herói e, por fim, nas considerações finais, refletimos sobre os impactos de tais narrativas na construção e ratificação de imaginários de professor na formação de professores.

2 O PROFESSOR HERÓI NO CINEMA

Em nossas vivências e experiências culturais possivelmente encontraremos alguma lembrança de filmes com professores e sobre a escola. Isso acontece porque *Hollywood*¹ tem

¹ Segundo estudos de Dalton (1995) o caráter homogeneizador das produções cinematográficas dos Estados Unidos encontra na indústria de Hollywood o meio potencialmente adequado para proliferar globalmente os valores e crenças subjacentes nos filmes de origem estadunidense.

contribuído para que ainda que de forma um tanto quanto romantizada e deturpada a profissão professor esteja frequentemente representada nas telas do cinema. Isso acontece porque *Hollywood* tem contribuído para que ainda que de forma um tanto quanto romantizada e deturpada a profissão professor esteja frequentemente representada nas telas do cinema. Assistir a vitória de um professor bem sucedido que assumiu uma sala de aula violenta, desmotivada e desajustada, sem sombra de dúvida, na condição de professores, nos motiva a renovar nossas esperanças. Todavia, a profissão professor fora da tela não necessariamente encontra o *Happy End* hollywoodiano, dado que faz com que as imagens de professor herói e de finais felizes sejam compreendidas como meramente fictícias.

Como o cinema possivelmente faz parte do repertório cultural de muitas pessoas, podemos listar uma série de filmes de escola de vários gêneros que adotam a mesma fórmula, ou seja, a de um/uma professor(a) forasteiro(a) que chega à uma escola geralmente de periferia para assumir uma turma problemática que está sem professor (DALTON, 1995; FABRIS, 1999; PADIAL, 2010). O desenvolvimento da narrativa é sempre o mesmo, o professor enfrenta dificuldades para realizar o seu trabalho por vários fatores, quais sejam; escola imersa em uma comunidade violenta; alunos desinteressados; corpo docente desmotivado e frustrado; gestão escolar relapsa; pais ausentes; escolas depredadas e sem estrutura; currículo desconectado com a realidade local entre outros.

Em *Lean on me – Meu mestre, minha vida* (1989) Morgan Freeman vive Joe, um professor negro, engajado e motivado que assume a direção de uma escola de periferia devastada pelas gangues e o comércio de drogas. Com mãos de ferro, Joe expulsa os traficantes da escola, pressiona o corpo docente e discente para o cumprimento das novas regras da instituição e, assim, após sua incisiva atuação como gestor autoritário a escola e os alunos passam por uma transformação. Em *Stand and Deliver – O preço do desafio* (1988), Edward James Olmos interpreta Jaime Escalante assume temporariamente aulas de Matemática em uma sala de aula composta por alunos latinos considerados com dificuldade de aprendizagem. Formado na área de computação, Escalante assume a sala de aula provisoriamente até que a escola seja equipada com computadores. Porém, por gostar muito da Matemática e acreditar que todos os alunos podem aprendê-la sugere à direção que a turma seja submetida à Avaliação Nacional de Cálculo. Adotando métodos diferenciados e fazendo analogias inusitadas, Escalante consegue aos poucos convencer os alunos turma de que eram capazes de aprender Cálculo, desde que se dedicassem nos estudos. Depois de persistir neste propósito, inclusive dando aulas gratuitamente nas férias, a turma de Escalante é aprovada na Avaliação de Cálculo, feito inédito para a *James A. Garfield High School* em *Los Angeles*.

Em *Beyond the Blackboard* – Além da sala de aula (2011) Emily VanCamp interpreta a professora primária Stacey Bess que, sem experiência de sala de aula, porém extremamente motivada a transformar a vida de seus alunos, aceita a vaga de professora temporária em uma escola improvisada que funciona em um albergue para sem-teto. Carinhosa, engajada, dedicada e determinada a fazer a diferença na vida de suas crianças, Bess leciona em um inapropriado do albergue construído à beira de uma ferrovia. Também na condição de temporária, Bess assume a missão de tornar aquele espaço em uma verdadeira sala de aula, angariando verbas para compra de mobília e materiais pedagógicos junto às instâncias responsáveis. Tal postura determinada da professora a autoriza ainda a chamar a atenção dos pais para que incentivem seus filhos a fazerem as tarefas de casa e a chegarem no horário entre outras ações que fazem de Bess a imagem da heroína dotada de qualidades extraordinárias.

Segundo Dalton (1995), os filmes comerciais sobre escola evidenciam que o sucesso obtido pelo(a) professor(a) salvador(a) reside no fato deste(a) conquistar um aluno problemático, construindo com este uma relação de confiança. Ao provar suas nobres intenções o professor salvador destaca-se em relação aos professores temporários que por ali lecionaram, já que por ser detentor de maior comprometimento com a profissão conquista o respeito dos alunos. Como este(a) aluno(a) problemático(a) costuma exercer liderança e controle da turma, à medida que o professor estabelece uma amizade com este líder, aos poucos, a turma também começa a demonstrar maior empática pelo professor. Análises de Fabris (1999), o heroísmo do professor se configura na medida em que este confronta o sistema, o currículo e as metodologias tradicionais adotadas. Assim, ao chegar como um forasteiro, alguém de fora da comunidade, este professor traz consigo novas perspectivas de educação que, inevitavelmente poderão colidir ao currículo, a família, o corpo docente ou a gestão da instituição. Em outras palavras, nos filmes de *Hollywood* torna-se perceptível que grande parte dos filmes hollywoodianos utiliza como imagem de "bom professor" aquele que desafia o currículo e as metodologias tradicionais e a gestão escolar, reforçando assim a lógica do herói que é testado ao longo de sua jornada.

Parece que Hollywood, ao eleger essas representações de jovens e apontar como solução o discurso salvacionista do magistério, amplamente disseminado em nossa cultura, tem contribuído para acentuar diferentes processos de inclusão e exclusão, em que jovens, principalmente aqueles e aquelas posicionados/as em classes sociais menos favorecidas são os mais estigmatizados/as (FABRIS, 1999, p.100).

O impacto que o cinema tem na construção de imaginários sobre a docência já vem sendo destacado na literatura sobre formação de professores. Conforme (DALTON, 1995, FABRIS,

1999, TRIER, 2000, 2001; PADIAL, 2010, GRAVELLE, 2015; BALADELI, 2016) a escola representada no cinema é sempre uma escola de periferia em que o salvador, geralmente branco e forasteiro representam a alternativa para a transformação. Essas imagens recorrentes em filmes de escola indicam a reiteração do estereótipo de professor, ora como um sujeito enfadonho, desmotivado e frustrado, que está na profissão por falta de oportunidade melhor, ora como um sonhador crônico que não vê nos sacrifícios empecilhos para o cumprimento de sua missão. A mensagem que estes filmes revelam é que o bom professor prioriza seus alunos em detrimento de sua vida pessoal, faz sacrifícios, enfrenta a coordenação, a direção, os pais e o conselho escolar e defende de todas as maneiras os seus alunos.

Todas as culturas provavelmente apresentam alguma forma de narrativa; desde livros infantis até grandes épicos, as narrativas são memoráveis e importantes para a memória humana. Narrativas muitas vezes exibem tropos: por exemplo, muitas narrativas incluem herói, um vilão e uma vítima. Como resultado, absorvemos ou internalizamos essas figuras e formas recorrentes e somos capazes de identificá-los e relacioná-los com nossa vida diária (GRAVELLE, 2015, p.16).²

Os extremos da representação do professor são problemáticos, isso porque, tanto o mau professor quanto o bom, sofrem caricaturização nas telas disseminando imagens estereotipadas do que é ser professor. Esses filmes e suas mensagens impactam a forma como professores ressignificam a si e a profissão, conforme constatou Trier (2000) com um grupo de professores em formação inicial que tinham pré-concepções negativas sobre as escolas de periferias justamente em razão do que viam no cinema. Por meio de estudos e debates sobre as implicações de tais filmes na forma como o grupo de professores compreendiam o que era a profissão professor. Na pesquisa de Trier (2000) a reiterada representação da escola de periferia, como espaço caótico e violento naturaliza preconceitos e pode influenciar negativamente na forma como professores ressignificam a profissão. Para Delamarter (2015) e Baladeli (2016), essas narrativas fílmicas exploram as instituições públicas como lugares responsáveis por transformar a vida dos alunos e de seus familiares, missão atribuída ao professor. Essas imagens estereotipadas do professor distanciam-no de tal forma da realidade da profissão a ponto de ser contraproducente a missão de promover

² Nossa tradução para “All cultures likely feature some form of narrative; from children’s books to great epics, narratives are memorable and important to human memory. Narratives often exhibit tropes: for example, many narratives include hero, a villain, and a victim. As a result, we absorb or internalize these recurring figures and forms, and we are able to identity them and relate to them in our culture and in our every day lives” (GRAVELLE, 2015, p. 16).

a mudança, desconsiderando por sua vez, aspectos contextuais e socioculturais que tornam cada escola um microcosmos com características peculiares.

3 O TRIUNFO: UM FORASTEIRO BRANCO NO HARLEM

A narrativa baseada em fatos reais retrata a história de Ron Clark, um professor bem sucedido em uma pequena cidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos que na condição de professor substituto fez com que as turmas com as quais trabalhou alcançassem excelentes resultados nas avaliações estaduais. O filme começa com Clark ganhando uma vaga de estacionamento na escola onde começou a lecionar como substituto na Carolina do Norte. Cansado da mesmice da sua pequena cidade natal e disposto a fazer a diferença, parte para Nova York, pois leu nos jornais que há falta de bons professores na cidade. Em Nova York, ao encontrar dificuldades para conseguir uma vaga como professor, trabalha temporariamente como garçom em um bar, onde conhece Marissa, uma aspirante à atriz com quem irá ter um relacionamento. Durante o dia, Clark procura um posto como professor nas escolas de Nova York, à noite trabalha como garçom. Sua sorte muda quando em uma de suas visitas presencia uma discussão na porta de uma escola. Clark observa atentamente aluno, professor e depois o diretor discutirem.

Professor: Volte já para a aula Tayshawn! Me respeita moleque!
Tayshawn: Ah, vai à merda.
Diretor: Parou! Tayshawn, pra minha sala já! Não estou brincando moleque.
Diretor: Senhor Solis, mas que diabo, esse menino é seu aluno!
Professor: Não é mais.
Diretor: Se for embora, não volte mais.
Professor: Fique com esses seus pivetes.
Clark: Eu fico no lugar dele. (O Triunfo, 2006)

O professor Solis abandona a escola naquele momento, ao que Clark aproveita para se oferecer como professor, mas Turner vira as costas e o deixa falando sozinho na entrada da escola. Clark insiste, segue o diretor escola adentro com seu currículo em mãos, argumentando que a turma está agora sem professor e que ele tem as qualificações para tal.

Diretor: Senhor Clark, com certeza o senhor é muito sincero, mas talvez o senhor seja meio...
Clark: Meio o quê? Meio branco, meio alto, meio feio?
Diretor: Suave
Clark: Eu sou especializado em elevar padrões de avaliação (O Triunfo, 2016).

Após a persistência de Clark, o diretor resolve dar-lhe atenção e apresenta pelo vidro da porta, aquela que é considerada a sala de aula com maior rendimento nas avaliações estaduais. A

chamada Turma de Ouro destaca-se por suas notas, porém, Clark tem sua atenção voltada para o barulho vindo de outra sala, da turma de Tayshawn.

Diretor: Esta é a classe de honra, esses alunos atingem a nota máxima nos exames estaduais todos os anos. Dividimos cada série em 4 classes, de acordo com suas avaliações.

Clark: E essa classe aqui?

Diretor: Esse grupo teve a pior avaliação de toda a cidade de Nova York.

Clark: Eles parecem mesmo meio agitadinhos.

Diretor: Eles são muito mais do que agitadinhos, esses alunos tem problemas de aprendizado, disciplina, relações sociais, como Tayshawn, tem duas chamadas, na terceira ele vai para o centro de detenção juvenil.

Clark: É comigo mesmo (O Triunfo, 2016).

A mudança de espaço não abalou Clark, decidido a fazer a diferença na cidade de Nova York deixou a Carolina do Norte em busca de desafios nas escolas do *Harlem*, bairro de *Manhattan* habitado essencialmente por afroamericanos. As cenas que mostram o caminho percorrido por Clark do hotel até a escola, mostram ruas sujas, muros pichados, becos que abrigam latões de lixo, garotos e homens negros à deriva, barulho de sirene de polícia entre outros elementos que caracterizam o bairro onde a escola está localizada.

A poluição visual e sonora compõem a fotografia de cidade grande opondo-se à fotografia do início do filme, esta que continha paisagens bucólicas, uma escola típica estadunidense com a bandeira do país na entrada, composta por corpo docente branco e com corpo discente sem grandes problemas de comportamento.

Figura 1 – Carolina do Norte



Fonte: Haines (2006).

Figura 2 – Nova York



Fonte: Haines (2006).

Determinado a assumir a turma considerada sem solução, Clark convence o diretor Turner a dar-lhe a turma de Tayshawn, primeiro porque eles agora estão sem professor e, segundo, porque Clark tem experiência com turmas difíceis. Na primeira aparição de Clark na turma os desafios começam. Além de não darem atenção ao jovem professor branco, polido e vestido de terno e gravata, a turma o hostiliza enquanto observa a reação de Shameika. Clark demora a perceber que

precisa conquistar Shameika para ter a atenção e o respeito do restante da turma, enquanto isso sofre para conseguir silêncio para explicar a matéria. Decide então, apresentar suas regras, estas que fundamentarão a vida em sala de aula, compostas por: formar filas para entrar e sair da sala; não mascar chicletes em sala; erguer a mão para ter o turno de fala; referir-se ao professor como Sr. Clark; fazer as tarefas de casa entre outras regras que demoram a serem implementadas. Motivado, paciente e determinado a transformar aquela turma em uma sala bem sucedida, Clark demonstra paciência e resiliência, pois acredita que seus alunos são subestimados em seu potencial, por isso, em suas aulas, elogia com frequência aqueles que comportam-se ou que participam de alguma atividade.

No que se refere à metodologia, o professor utiliza das regras para impor disciplina e respeito, além disso, adota estratégias criativas para fazer com que os alunos sejam mais receptivos à sua presença. Aos poucos, o professor vai, como que por encanto de sua figura heróica, conquistando os alunos e trazendo-os para o seu lado, fazendo-os assumir um compromisso com o lema “somos todos uma família”.

Clark: Este ano vai ser diferente, este ano nós vamos ser mais do que simplesmente uma escola, este ano nós vamos ser uma família.

Julio: Mas, você nem parece comigo!

Turma: Risos.

Clark: Eu vou ser a sua família e vocês vão ser a minha família, isso quer dizer que eu não vou embora e nem vocês vão embora.

Clark: Todos vocês lembram da regra número 1 “nós somos uma família”.

Tayshawn: Vai se ferrar, mano!

Shameika: Virou prezinho agora?

Clark: Isso quer dizer que nós ajudamos uns aos outros, nós apoiamos uns aos outros, nós nos defendemos uns aos outros. (O Triunfo, 2006)

O objetivo de Clark é a transmissão do conteúdo e a preparação da turma para as avaliações estaduais, para isso, utiliza-se de estratégias pedagógicas lúdicas que despertam a atenção dos alunos, como o *Rap* dos presidentes, letra criada por ele para atrair o interesse pela história dos Estados Unidos. Em outra estratégia inusitada Clark combina com a turma que poderia beber até 30 caixas de achocolatado em troca da atenção deles durante a explicação de gramática. Para tanto, a cada 15 segundos de explicação e de silêncio por parte da turma, Tayshawn tocava com a régua no vidro avisando que está na hora do achocolatado, Clark então pararia a explicação e tomava uma caixinha de achocolatado. A estratégia surte efeito, pois para assistir ao professor possivelmente passar mal de tanto beber achocolatado, a turma colabora fazendo silêncio e prestando atenção na explicação dos elementos que compõem a oração. Ao final desta aula, a turma

apresenta-se mais flexível, amistosa iniciando então o estabelecimento de um laço de crédito e confiança entre o professor e a turma.

Figura 3 - Clark e o desafio do achocolatado



Fonte: Haines (2006)

Figura 4 - Clark e o desafio do achocolatado



Fonte: Haines (2006)

Aos poucos, expondo-se de forma lúdica e insistindo que não pretende desistir da turma o professor encara situações constrangedoras para atrair a atenção da turma. Lançando mão de diferentes práticas pedagógicas nas quais ele está no centro das atenções, inclusive de forma jocosa. Diante da presença de um professor persistente e que raramente perde a paciência, aos poucos, a turma começa a aceitá-lo como o professor e como autoridade, o que também acontece com o diretor Turner, que a princípio, também não acreditava na competência de Clark.

4 O HERÓI RON CLARK: RESILIÊNCIA, ENFRENTAMENTO E GLÓRIA

O herói é a personagem escolhida para vivenciar uma jornada tortuosa que somente ele tem a capacidade e as condições para realizar. Segundo Campbell (1995) na obra – *O herói de mil faces*, o mito do herói simboliza e justifica muitas batalhas dentro de nós, por isso, sua influência resiste ao tempo. A jornada do herói personifica os desafios, os dissabores e as peripécias de diferentes ordens, vivenciadas, aceitas e superadas por um sujeito dotado de qualidades excepcionais. Há, conforme Campbell (1995), um chamado, uma convocação para a missão, que na mitologia costuma ocorrer mediante a intervenção de alguma entidade mística. A jornada do herói é composta pelo ciclo separação-iniciação-retorno.

O herói é aquele que, embora ainda se encontre vivo, conhece e representa os apelos da supraconsciência – que é, ao longo da criação, mais ou menos inconsciente. A aventura do herói marca o momento em que este, embora ainda esteja vivo, descobriu e abriu o caminho da luz, para além dos sombrios limites da nossa morte em vida (CAMPBELL, 1995, p. 158).

A jornada de Clark ilustra que a fase da separação ocorreu quando decidiu abandonar seus pais e o emprego na escola na Carolina do Norte para enfrentar a periferia de Nova York, a iniciação ocorreu quando mesmo diante dos embates com Shameika e o diretor Turner não desiste da turma. Por fim, o retorno do herói é observado quando Clark consegue o reconhecimento dos alunos e do diretor e retorna ao centro das atenções como o responsável por toda a glória ocorrida naquele espaço-tempo. Após a aprovação dos alunos na Avaliação Estadual Clark é aclamado como o grande responsável pelo triunfo da sala, fechando assim o ciclo do herói mítico em narrativas fílmicas de escola.

As cenas de embate entre Shameika e Clark evidenciam que apesar de o principal objetivo ser a transmissão do conteúdo, para o aumento do desempenho dos alunos e bons resultados nos testes estaduais, Clark submete-se a enfrentamentos constantes com os alunos. Os desafios, porém, não o fazem esmorecer, ao contrário, pressionado pelo diretor Turner a preparar a turma para as avaliações estaduais, o professor se oferece a dar aulas no sábado, visita a casa dos alunos para solicitar apoio dos pais nas tarefas escolares, convence a mãe de Shameika a delegar o cuidado dos irmãos menores a uma vizinha para que a menina possa dedicar-se aos estudos, persuade Tayshwan a abandonar as más companhias entre outras atitudes que tornam Clark o professor virtuoso e dedicado.

Figura 5 - Clark e Shameika



Fonte: Haines (2006)

Figura 6 – Turner e Clark



Fonte: Haines (2006)

As provações de Clark o legitimam como o herói obstinado, que em nome de sua missão enfrenta o desprezo do diretor Turner, a desconfiança das famílias de seus alunos, o desrespeito de seus alunos e até a estafa que o conduz ao hospital por exaustão física. A consagração de sua jornada caracteriza-se pela mudança de comportamento dos alunos até o enfrentamento das pressões impostas pelo diretor Turner. Clark e Turner apresentam visões diferentes sobre a turma, enquanto Turner exige que Clark enfatize os conteúdos atinentes às avaliações estaduais, Clark por sua vez, prefere estabelecer um laço afetivo com a turma e, a partir disso, abordar os conteúdos do

currículo. Turner ainda subestima a capacidade da turma, considerando-a atrasada, incapaz e problemática, o que faz com que Clark visualize em Turner um obstáculo a ser superado, o que poderia ser feito com os bons resultados obtidos pelos alunos nas avaliações.

O Triunfo revela-se uma dentre tantas outras narrativas hollywoodianas sobre o professor herói, visto que retrata a docência como um percurso repleto de desafios, sacrifícios, decepções, fraquezas e vitórias. O final feliz se faz presente na narrativa revelando que mesmo diante de tantos percalços, o professor herói, determinado, perseverante e resiliente consegue completar sua nobre missão. Clark venceu o desafio e completou sua jornada de herói quando superou as pressões de Turner, elevou os escores da turma nas avaliações estaduais e fez o diretor, os alunos e os familiares observarem que a transformação era possível.

O triunfo daquela turma de 6ª série da escola do *Harlem* representa a vitória da personalidade virtuosa do professor herói sobre um sistema de ensino caótico, incrustado em uma concepção de educação como mera transmissão de conteúdos. O triunfo do herói ocorre com a superação do estereótipo do aluno de periferia, que, fadado a entrar no mundo do crime e sem perspectiva, vê na escola uma perda de tempo, o que não acontece quando há a intervenção de um professor com perfil de Ron Clark. Observamos ainda que o aluno de periferia, afroamericano, pobre e com problemas familiares torna-se uma espécie de caricatura nos filmes de escola, visto que, outros filmes também retratam as escolas problemáticas com este perfil de aluno. Além disso, a realidade social da comunidade onde a escola se situava, as baixas expectativas do diretor e das famílias ilustram que a escola representa o lócus de salvação para este público, salvação que só pode acontecer mediante a ação de um *outsider ou* forasteiro. Por forasteiros ou *outsiders* Dalton (1995) descreve como os sujeitos que:

[...] são tipicamente hostilizados pelos/as estudantes, temem os/as estudantes ou estão ansiosos por dominá-los/as. O/a "bom/boa" professor/a envolve-se com os/as estudantes num nível pessoal, aprende com eles/as e usualmente não se dá muito bem com os/as administradores/as. Algumas vezes esses "bons" professores ou "boas" professoras têm um agudo senso de humor. Eles/elas também frequentemente personalizam o currículo para atender às necessidades cotidianas das vidas de seus/suas estudantes. (DALTON, 1995, p. 102).

O forasteiro salvador, depois de alguns embates com seus antagonistas consegue provar o seu valor. O enredo é sempre o mesmo, o forasteiro, que chega para ocupar temporariamente uma vaga, cheio de boas intenções, obstinado a sair vencedor de mais uma batalha concretiza o final feliz de *Hollywood* quando, além de ser reconhecido como um sujeito virtuoso de excepcionais qualificações consegue promover transformações admiráveis no local.

Em *O Triunfo*, diante da negligência da escola perante a turma, Clark aparece como o salvador, já que em 1 ano, aquela turma já estava em seu 6º professor. Clark demonstra confiança em sua missão, ensinando mais do que conteúdos científicos, aumentando a autoestima da turma, incentivando a criatividade, recompensando as boas atitudes com pirulitos, elogios e passeios à *Broadway*. Em uma das cenas do filme, Clark vai até a casa de uma de suas alunas para lhe cobrar uma lição de casa, percebendo que a mesma não teria condições de fazê-la, por ter de preparar o jantar dos irmãos menores, o professor então, se oferece para preparar o jantar. Em outra cena, Clark flagra Tayshawn brigando na escola, ele adverte o aluno e pede para que volte imediatamente para a sala de aula, antes que o diretor Turner saiba, já que o garoto com mais uma chamada, seria conduzido ao centro de detenção juvenil. As atitudes de Clark extrapolam os limites da sala de aula, evidenciando um imaginário de que o bom professor seria aquele que faz sacrifícios em nome de sua dedicação à profissão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens da docência nas lentes do cinema evidenciam a naturalização de professores heróis em meio a instituições problemáticas, carentes de perspectivas, desprovidas de inovação e compostas por alunos estigmatizados e com dificuldades de aprendizagem. Em recorrentes enredos, o cinema tem tratado a docência como uma dimensão central na promoção de transformação, quer seja no nível de aprendizagem dos alunos, quer seja na criação de novas perspectivas de vida de toda uma comunidade. Presentes em variadas narrativas, o professor substituto que chega para ocupar temporariamente uma vaga, que outros já tentaram ocupar, assume os obstáculos de forma paciente, motivada e, sobretudo, naturalizada, pois este, diferente dos anteriores se importa com os alunos. Em outras palavras, ser professor de escola pública ou de escola de periferia, segundo as inúmeras narrativas fílmicas nos mostram, requer determinação, resiliência, perseverança e muita vontade de fazer a diferença. Sem esses atributos, o professor do cinema tende a mostrar descaso, indiferença ou mesmo a desistir da sala de aula, ou seja, as imagens da docência oscilam entre dois extremos.

O objetivo deste artigo foi refletir sobre as imagens da docência na perspectiva do professor herói presente na narrativa fílmica *The Ron Clark Story - O triunfo* (2006), em que pudemos identificar a naturalização de imagens idealizadas de professor e imagens estereotipadas de alunos. Isso porque, os alunos da 6ª série da escola fundamental do *Harlem*, são vitimizados em razão de sua condição social, justificativa que aos poucos é desconstruída quando Clark demonstra que todos tinham condições de aprender.

Histórias de professores bem sucedidos, indubitavelmente, inspiram professores, afinal assistir na tela do cinema cenas de superação e de reconhecimento podem contribuir para renovar as esperanças de professores na recompensa de seu trabalho. Por outro lado, cumpre destacar o efeito idealizador que tais narrativas podem ter sobre as imagens que professores em formação inicial ou continuada tem de si e da profissão professor. Diante disso destacamos que todos os discursos, seja de qual modalidade for, carecem de problematização a fim de evitar a naturalização de imagens extremadas de professores que são heróis porque são extraordinários, ou professores fracassados que envergonham e depreciam a profissão.

Concluimos que a profissão professor nas narrativas fílmicas pode inspirar mudanças nas práticas pedagógicas, motivar novas perspectivas, mas também deve ser compreendida como uma representação possível da realidade, imaginada, editada e adaptada conforme os interesses da indústria cinematográfica, razão pela qual as lentes da criticidade devem mediar a experiência de professores com tais narrativas.

6 REFERÊNCIAS

- AVILDTSEN, John G. (dir.). **Lean on me** [Motion Picture]. United States: Warner Bros., 1989.
- BALADELI, Ana P. D. Cinema e docência: representações da profissão professor em narrativas fílmicas. **Anais do V Simpósio de Educação e XXVI Semana de Pedagogia**, Unioeste, Cascavel, 2016.
- BLECKNER, Jeff (dir.). **Beyond the Blackboard** [Motion Picture]. United States: Hallmark Hall of Fame Productions, 2011.
- BOGDANOVICH, Peter. (dir.). **To Sir, with love 2**. United States: Columbia Picture, 1996.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução Adail U. Sobral. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- DALTON, Mary. The Hollywood curriculum: who is the 'good' teacher? **Curriculum Studies**, v.3, n.1, p.23-44, 1995. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/0965975950030102>> acesso em 28 abr. 2017.
- DELAMARTER, Jeremy. Avoiding practice shock: using teacher movies to realign pre-service teachers' expectations of teaching. **Australian Journal of Teacher Education**, v.40, issue 2, 2015. Disponível em: <<https://eric.ed.gov/?id=EJ1057896>> acesso em 19 jan. 2017.
- FABRIS, Eli T. H. Representações de espaço e tempo no olhar de Hollywood sobre a escola. 188f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1999.
- GRAVELLE, Elizabeth L. **Reality check. I am not Hilary Swank: how American teacher-centric commercial films tried and failed to teach me how to be a teacher**. Texas Christian University, 2015.

HAINES, Randa. (dir.). **The Ron Clark Story**. [Motion Picture]. United States: Alberta Film Development Program, Johnson & Johnson, 2006.

MENENDEZ, Ramón. (dir.). **Stand and Deliver** [Motion Picture]. United States: Warner Bros., 1988.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário: ensaios de antropologia**. Lisboa. Ed. Moraes, 1970.

PADIAL, Mônica N. **O professor e sua figura no cinema: uma análise da docência e da educação escolar retratada em dois filmes hollywoodianos**. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação: história, política e sociedade). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

TRIER, James D. The cinematic representation of the personal and Professional lives of teachers. **Teacher Education Quartely**. Summer, 2001. p.127-142. Disponível em:<
<https://www.jstor.org/stable/23478308>> acesso em 03 dez. 2016.

TRIER, James D. Using popular “School Films” to engage student teachers in critical reflection. **Annual Meeting of the American Educational Research Association** - AERA. New Orleans, LA. April, 24-28, 2000. Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED444993.pdf>> acesso em 21 nov. 2016.

Title

The teacher on cinema: reflections about hero teacher depicts on The Ron Clark story motion picture.

Abstract

The school setting and the challenges of teacher profession are present in filmic narratives of various genres, such films illustrates that the teacher get the power to transform difficult and discredited classes. The teaching depicts on motion picture illustrate an imaginary of teachers as someone committed and determined to make a difference in students lives. According (DALTON, 1995; FABRIS, 1999; PADIAL, 2010) the sensational appeal of Hollywood productions make the teacher figure a simulacrum of the hero who has the noble mission to lead their students to the tortuous path of knowledge. This article analyzes the images of teaching from the perspective of the hero teacher present in the motion picture 'The Ron Clark Story (2006). The hero teacher needs to overcome obstacles, to face challenges to fulfill the mission that involves resilience, sacrifice, determination and perseverance.

Keywords

Teaching profession, hero discourse, teaching depicts..

Recebido em: 05/04/2017.

Aceito em: 30/08/2017.